

Do latim $[[X]-\bar{u}tus]_a$ ao português $-[[X]-udo]_a$: considerações sobre a trajetória de um esquema morfológico adjetival

From Latin $[[X]-\bar{u}tus]_a$ to Portuguese $[[X]-udo]_a$:
considerations on the trajectory of an adjectival morphological scheme

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.28585>

Natival Almeida Simões Neto

Possui doutorado em Língua e Cultura (2020) pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em Linguística Histórica (2016) e graduação em Letras Vernáculas (2014), por essa mesma instituição. É também graduando em Língua Estrangeira Moderna ou Clássica, na habilitação de Letras Clássicas (Latim/Grego). Está atuando como professor substituto no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, ministrando disciplinas das áreas de Diversidade e Produção Textual em Língua Portuguesa e História e estrutura da Língua Portuguesa. É membro do Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESGOG), grupo vinculado ao Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). É membro associado da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), desde 2016, e do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), desde 2014. Tem interesse na morfologia, no léxico e na semântica do português e das demais línguas românicas.

E-mail: nativalneto@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise das palavras derivadas com o sufixo adjetival português *-udo* (*cabeludo*, *peludo*, *barrigudo*, *cabeçudo*, *chifrudo*, *carrancudo*, *abelhudo*, *rechonchudo*), em perspectiva histórica e construcional. Na Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010; COELHO, 2013; GONÇALVES, 2016), a noção de construção morfológica envolve um pareamento de forma, função e significado. Por isso, o trabalho descreve aspectos variados, como a categoria lexical da base, a categoria lexical do derivado e o comportamento polissêmico do esquema de sufixação. No que toca aos aspectos históricos, a análise parte da forma latina *-ūtus*, com dados de um dicionário bilingue latim-português, passa pelo português arcaico (séculos XIII a XVI), a partir dos dados de Coelho (2005), e chega ao português mais atual, a partir de um conjunto de dados extraídos de um dicionário da língua portuguesa contemporânea. Essa análise histórica permite tanto a compreensão da prototipicidade histórica do significado de *posse* nesses derivados quanto da produtividade que as construções com esse sufixo adquirem na língua portuguesa, desvencilhando-se consideravelmente do comportamento da matriz latina.

Palavras-chave: Sufixação. Adjetivos. Polissemia. Morfologia construcional. Morfologia histórica.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of derived words with the Portuguese adjective suffix *-udo* (*cabeludo*, *peludo*, *barrigudo*, *cabeçudo*, *chifrudo*, *carrancudo*, *abelhudo*, *rechonchudo*) in a historical and constructional perspective. In Construction Morphology (BOOIJ, 2010; COELHO, 2013; GONÇALVES, 2016), the notion of morphological construction is constituted by pairing of form, function and meaning. Therefore, this paper describes different aspects, such as the lexical category of the base element, the lexical category of the derivative element, and the polysemic behavior of the suffixation scheme. Regarding historical aspects, the analysis starts from the Latin *-ūtus* form, with data from a bilingual Latin-Portuguese dictionary, follows through archaic Portuguese (13th to 16th centuries), with data from a doctoral dissertation on nominal suffixation in this period (COELHO, 2005), and reaches the most current form of Portuguese, based on a set of data extracted from a dictionary of contemporary Portuguese language. This historical analysis allows both the understanding of the historical prototypicality of the meaning of ownership in these derivatives and the productivity that the

constructions with this suffix acquire in Portuguese, considerably disentangling itself from the behavior of the Latin matrix.

Keywords: Suffixation. Adjectives. Polysemy. Constructional Morphology. Historical Morphology.

Considerações iniciais

Este trabalho analisa palavras derivadas com o sufixo *-udo*, que prototipicamente forma, no português, adjetivos com significado de posse intensiva ou metafórica. A proposta do artigo é fazer uma análise histórica, usando como aporte teórico o modelo da Morfologia Construcional, como tem sido apresentado por Booij (2010, 2017), Gonçalves e Almeida (2013), Coelho (2013), Gonçalves (2016) e Simões Neto (2016, 2017).

Como o sufixo *-udo* tem origem latina, o ponto de partida do trabalho será a análise de formas derivadas com o seu antecedente histórico *-ūtus*, a partir de dados levantados no Dicionário de Latim-Português, da Porto Editora (2012). Em seguida, a análise envereda pelo português arcaico (séculos XIII ao XVI), com base nos dados levantados por Coelho (2005), que apresentou um corpus de referência para a análise do paradigma sufixal do período. Por último, são analisados verbetes do Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa (DHELP), de Houaiss e Villar (2009).

Feitos esses comentários iniciais, do ponto de vista estrutural, o artigo se apresenta da seguinte maneira: (i) a seção 1 faz uma breve apresentação da abordagem construcional da morfologia; (ii) a seção 2 traz comentários sobre trabalhos anteriores a respeito do sufixo; (iii) a seção 3 traz a análise dos dados de língua latina; (iv) a seção 4 apresenta uma releitura dos dados do português arcaico, de Coelho (2005); (v) a seção 5 analisa as palavras vistas no DHELP. Após as análises, são feitas as considerações, seguidas das referências.

1. Aspectos teórico-metodológicos da Morfologia Construcional

A Morfologia Construcional é um modelo de interpretação da organização do léxico, defendido por Geert Booij. Tornou-se conhecido internacionalmente, com a publicação do livro *Construction Morphology* (2010). Nessa obra, Booij (2010) se norteia pelo entendimento de *construção* como um pareamento de forma, função e significado. Essa compreensão advém do trabalho de Goldberg (1995).

Na proposta de Goldberg (1995), mais voltada para a sintaxe, assume-se uma associação entre os padrões de estruturação e os seus significados. Todas as construções de uma língua são analisáveis e estão ligadas em uma rede, por meio de relações de metáfora, metonímia, analogia e outros mecanismos cognitivos.

Ao transpor as compreensões goldberguianas para a morfologia, Booij (2010) assume que a polissemia não é um fenômeno que caracteriza as palavras individualmente, tampouco é uma

propriedade individual dos afixos. A polissemia está relacionada a um determinado padrão compartilhado por um grupo de palavras que comungam padrões fonológicos, semânticos e gramaticais. Por exemplo, a polissemia não é uma propriedade que afeta *chaveiro*, *jardineira*, *cuscuzeiro*, *sombreiro*, individualmente. Na hipótese construcional, a polissemia está relacionada a um padrão de construção que envolve: (i) a forma, por meio das relações entre o corpo fonológico da palavra primitiva (input), do afixo e da palavra derivada (output), sendo relevante também a etimologia nesse aspecto; (ii) a função, com base nas relações entre a categoria lexical do input e a categoria lexical do output; (iii) o significado, que se apresenta por meio de categorias que hierarquizam as relações entre um significado mais geral e um mais específico.

No modelo de Booij, os padrões de construção morfológica são representados por esquemas, como os que se veem nas representações de (01), (02) e (03), que tratam, respectivamente, das construções adjetivas *X-al* (*presidencial*, *ministerial*, *gramatical*, *legal*, *normal*), das substantivas *X-dade* (*felicidade*, *maldade*, *bondade*, *cordialidade*, *familiaridade*) e das também substantivas *X-dor* (*vendedor*, *corredor*, *seguidor*, *curtidor*, *vibrador*, *apagador*, *provador*, *coador*).

$$(01) \quad <[[X_{Si}] -al]_A \leftrightarrow [\text{RELATIVO a SEM}_{Si}]_A >$$

$$(02) \quad <[[X_{Ai}] -(i)dade]_S \leftrightarrow [\text{QUALIDADE RELACIONADA a SEM}_{Ai}]_S >$$

$$(03) \quad <[[X_{Vi}] -dor]_S \leftrightarrow [\text{AGENTE RELACIONADO a SEM}_{Vi}]_S >$$

O esquema em (01) organiza o conjunto de palavras sufixadas com *-al*, forma **fonológica** recorrente na construção. Quanto ao **aspecto funcional**, a categoria lexical do input é sempre um substantivo, ao passo que a do output é sempre um adjetivo. Em relação ao **significado**, o esquema pode instanciar adjetivos de caráter relacional, como *cultural* e *matrimonial*, que podem ser parafraçados como ‘relativo à cultura’ ou ‘relativo ao matrimônio’. No esquema (02), observa-se uma sistematização das palavras construídas com o sufixo *-(i)dade*, que são quase sempre substantivos abstratos advindos de adjetivos, cujo significado caracteriza, geralmente, uma qualidade. No esquema (03), por fim, observa-se que há um significado de agente. O esquema *X-dor* instancia recorrentemente formações deverbais, podendo ter variados significados, como agente, objeto ou locativo. O esquema representado só dá conta dos agentes. Porém, mesmo nesse delimitado grupo de afinidade semântica, é possível haver polissemia, o que exige representação por meio dos subesquemas. Essa relação entre esquemas e subesquemas caracteriza o chamado léxico hierárquico, proposto por Booij. Assim, no caso das construções agentivas *X-dor*, tem-se um esquema dominante de agentes, além dos esquemas de objetos e de locativos, e, dentro do esquema de agente, há pelo menos dois

subesquemas: agentes profissionais (vendedor, administrador, tatuador) e agentes habituais (seguidor, curtidor, amador).

O modelo construcional da morfologia tem sido usado por morfólogos que se preocupam com a categorização semântica nas formações de palavras. No Brasil, alguns desses morfólogos são: Gonçalves e Almeida (2014), Gonçalves (2016), Coelho (2013, 2018, 2019), Simões Neto (2016, 2017b), Lopes (2018) e Tavares da Silva (2017, 2019). Essas aplicações do modelo construcional da morfologia aos dados de língua portuguesa, tanto em perspectiva sincrônica como diacrônica, têm gerado um conjunto de observações e ressalvas, de fundamental importância para o aprimoramento do modelo e para o desenvolvimento deste trabalho.

2. Leituras anteriores sobre o sufixo *-udo*

Com o intuito de propor uma narrativa mais linearizada da trajetória do formativo, a revisão de trabalhos anteriores começará com as informações obtidas sobre o funcionamento do *-udo* na língua latina, sob a forma *-ūtus*. A obra de referência para a análise do sufixo no latim é *Latin Suffixes*, de White (1858), que traz informações valiosas para quem trabalha com morfologia em perspectiva histórica.

Sobre o *-ūtus*, White (1858) ensina que se trata de um cognato que se insere na mesma rede de *-tus*, *-ātus*, *-ītus*, *-ēātus*. Em relação ao aspecto semântico, o autor explica que os “[a]djetivos em *tus*, derivados de substantivos, etimologicamente significam “provido de,” ou “que tem” aquilo que o primitivo significa. Eles são formados pela adição do sufixo ao tema. Obs. 1. Em *ā-tus*, *ī-tus*, *ū-tus*, *ē-ā-tus*, o *a*, *e*, *i* e *u* são [...] vogais de ligação” (WHITE, 1858, p. 42, tradução nossa, grifos do autor)¹.

Os exemplos de derivados em *-ūtus* trazidos por White (1858) estão esquematizados no Quadro 1.

¹ “Adjectives in *tus*, derived from Substantives, etymologically signify “provided with,” or “having” that which the primate signifies. They are formed by adding the Suffix to the Theme. Obs. 1. In *ā-tus*, *ī-tus*, *ū-tus*, *ē-ā-tus*, the *a*, *e*, *i* and *u* are [...] Connecting Vowels” (WHITE, 1858, p. 42).

Quadro 1 - Derivados em -ūtus no latim: aspectos morfológicos e semânticos.

Primitivo	Significado do primitivo	Derivado	Significado do derivado
<i>stus</i>	<i>raft</i> (astúcia, habilidade)	<i>stūtus</i>	<i>rafty</i> (astuto)
<i>inctus</i>	<i>irdle</i> (cinto)	<i>inctūtus</i>	<i>irred</i> (cingido)
<i>ersus</i>	<i>turning</i> (ação de voltar)	<i>ersūtus</i>	<i>hrewd</i> (astuto, sagaz)
<i>ornu</i>	<i>orn</i> (chifre)	<i>ornūtus</i>	<i>orned</i> (que tem chifre)
<i>erū</i>	<i>pike</i> (lança, dardo, espeto)	<i>erūtus</i>	<i>rovided with a pike</i> (munido com um espeto)

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações de White (1858, p. 44).

Os dados de derivados em -ūtus apresentados por White (1858) ressaltam a recorrência tanto das bases substantivas quanto da ideia de *provimento*, *munição* ou *posse*, nas construções com esse formativo.

Em se tratando de português, Said Ali (1964), em seção destinada à formação de palavras, de sua Gramática Histórica da Língua Portuguesa, explica que o sufixo -udo

significa “provido de” nos adjetivos *sisudo*, *pontudo*, *bicudo*. Em outros adjetivos denota grande massa ou também qualidade, tamanho ou feitiço desmesurados: *peludo*, *cabeludo*, *barrigudo*, *narigudo*, *espadaúdo*, *ovelhudo*, *repolhudo*, *façanhudo*, *lanudo*, *guedelhudo*, *bochechudo*, *carnudo*, *polpudo* (SAID ALI, 1964, p. 245, grifos do autor).

Segundo Said Ali (1964), o sufixo -udo, além de caracterizar os adjetivos com o sentido de provimento ou de grande quantidade, está também envolvido em processos metafóricos, como se pode ver *cabeçudo*, que pode ser a ‘pessoa com a cabeça grande’ e também a ‘pessoa demasiadamente teimosa’.

No *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Nunes (1969) também dedica uma seção a aspectos de formação de palavras. Com menor quantidade de informações que a gramática de Said Ali (1964), o autor reúne, no mesmo trecho, as descrições dos sufixos concorrentes -udo e -oso, como se pode ver a seguir:

-oso, -udo. – Como os latinos -osu e -ute que representam, juntam-se estes sufixos, o primeiro a temas verbais ou nominais e o segundo só a estes, mas exprimem ambos em geral qualidade em abundância, o que se vê destes ex.: 1º *abund-oso* (antes *avond-oso*), *rix-oso*, *raiv-oso*, *jug-oso*, *manh-oso*, *soberv-oso*, [...] *cobiç-oso*, *sard-oso*, *ranh-oso*, *reiv-oso*, *pedr-oso*, etc.; 2º *cabel-udo*, *sis-udo*, *abelh-udo*, *barb-udo*, *barrig-udo*, *ventr-udo*, *panç-udo*, *espada-údo*, *repolh-udo*, *carranc-udo*, *focinh-udo*, etc. (NUNES, 1969, p. 377, grifos do autor).

A comparação entre os exemplos de *-oso* e *-udo*, dados por Nunes (1969), permite visualizar a recorrência de bases que se referem a parte do corpo nos derivados com *-udo*, ao passo que o *-oso* tende a selecionar bases abstratas.

Em relação ao português contemporâneo, Rio-Torto (2016, p. 252), na *Gramática Derivacional do Português*², classifica o sufixo *-udo* como um tipo que expressa posse de algo ± alienável ou que manifesta uma dada propriedade. Esse comportamento é também visto com os sufixos *-oso* e *-ento*.

Sobre o funcionamento do *-udo*, Rio-Torto (2016) entende que esse elemento

acresce a marca de intensidade e/ou de excessividade, de tal modo que *barrigudo*, *peludo*, *rabudo*, *sortudo* denotam ‘que tem uma barriga demasiado proeminente’, ‘que tem pelos em excesso’ e ‘que tem muita sorte’. A avaliação pode ser positiva, como em *bunduda* (PB), *rabuda*, *popozuda* (PB), denotando alguém que tem ‘bunda’ (PB) ou um traseiro [popó] grande e bem feita/o (RIO-TORTO, 2016, p. 252-253, grifos da autora).

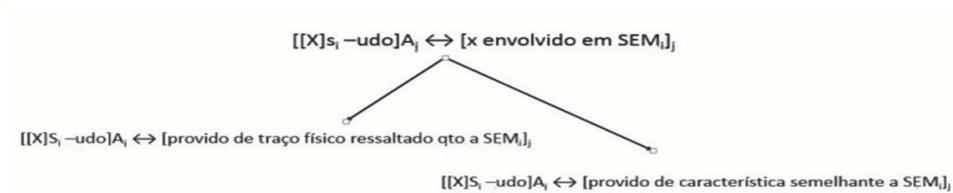
Rio-Torto (2016), assim como Nunes (1969), destaca o fato de o sufixo *-udo* se combinar com bases que designam partes do corpo, o que não acontece com *-oso* e *-ento*. Alguns exemplos dessa saliência de partes do corpo são: “*barrigudo*, *beijudo*, *cabeçudo*, *mamudo*, *narigudo*, *orelhudo*, *peludo*, *rabudo*, *trombudo*” (RIO-TORTO, 2016, p. 253).

Por último, Soledade (2019) refletiu sobre questões de polissemia nas formações *X-udo* do português, a partir de uma perspectiva cognitiva e construcional. Com exemplos, como *barbudo*, *narigudo*, *bundudo*, *cabeludo*, *abelhudo*, *carrancudo*, *pontudo*, *taludo*, *truncudo* e *varudo*, a autora defende que a informação semântica da base impacta diretamente na construção de sentidos e na polissemia do esquema. Em construtos, como *barbudo*, *narigudo*, *bundudo* e *cabeludo*, cujas bases são partes do corpo, o significado pode ser compreendido como <<provido de característica física ressaltada relativa a [sentido da base]>>, ao passo que, em *abelhudo*, *carrancudo*, *pontudo*, *taludo*, *truncudo* e *varudo*, essa leitura não acontece, sendo mais possível o significado <<que se assemelha a [sentido da base]>>.

Na Figura 1, a seguir, a autora representa essa polissemia vista nas palavras construídas com o sufixo *-udo*.

² Cabe ressaltar que as reflexões dessa obra são baseadas nos usos do português europeu.

Figura 1 - Esquema e subesquemas de formações X-udo.



Fonte: Soledade (2019, p. 287).

Note-se que, embora a autora sugira uma diferença semântica, especificada em subesquemas, os dois significados estão ligados em um esquema dominante maior, o que ajuda a esquematizar a polissemia do padrão morfológico.

3. Análise I: os sufixados com $-\bar{u}tus$ no latim

No *Dicionário Latim-Português*, da Porto Editora (2012), foi feita uma leitura verbum ad verbum do conteúdo da obra e foram desconsideradas as formas participais que terminavam em $-\bar{u}tus$. Após todo esse processo, chegou-se a um total de seis derivados, que estão apresentadas no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Corpus de derivados em $-\bar{u}tus$ no latim.

Construto derivado	Significado	Base	Significado
<i>artūtus, -a, -um</i>	atarracado	<i>artus, -a, -um</i>	estreito, apertado, acanhado
<i>astūtus, -a, -um</i>	manhoso, astucioso, astuto, hábil, sagaz	<i>astus, -ūs</i>	astúcia, habilidade, esperteza, manha
<i>cīnctūtus, -a, -um</i>	em forma de cinto, cingido	<i>cīnctus, -ūs</i>	cinto
<i>cornūtus, -a, -um</i>	que tem cornos, cornífero, cornudo	<i>cornus, -ūs</i>	cornos, chifre
<i>versūtus, -a, -um</i>	astuto, hábil, esperto, que sabe voltar-se para onde convém	<i>versus, -ūs</i>	ação de voltar
<i>verūtus, -a, -um</i>	munido de dardo, espeto	<i>veru, -ūs</i>	dardo, espeto

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nas informações do dicionário de Porto Editora (2012).

A partir dos exemplos explicitados do Quadro 2, é possível notar que o $-\bar{u}tus$ não era um sufixo que encontrava produtividade significativa na língua latina, diferentemente de sufixos como $-\bar{a}rius$ (SIMÕES NETO, 2016, 2017a, 2018) e $-\bar{o}sus$ ³. Nota-se também que o $-\bar{u}tus$ parecia já ter uma autonomia, a ponto de a vogal de ligação \bar{u} já ser percebida como parte integrante do sufixo⁴. Por último, em relação aos dados levantados, note-se que apenas um dos exemplos não foi mencionado por White (1858): *artūtus*.

Feitos os contrastes entre as realizações do Quadro 1 e do Quadro 2, faça-se, agora, a análise dos derivados. Do ponto de vista formal, em que se pese a flutuação categorial entre as classes nominais, pode-se assumir que todos os derivados sejam adjetivos, o que permite uma precisão na atribuição da categoria do produto. Em relação à base, cinco dos seis derivados têm como bases substantivos e um tem como base outro adjetivo.

Cabe destacar, sobre as cinco formas oriundas de bases substantivais, que três bases são substantivos concretos (*cornus*, *veru*, *cinctus*), e duas são substantivos abstratos (*astus*, *versus*). Mesmo com essa diferença, pode-se dizer que, em quatro (*astūtus*, *cornūtus*, *versūtus*, *verūtus*), os derivados caracterizam algum tipo de posse. Essa posse envolve algo alienável ou não, que é expresso pela base. Por conta dessa possibilidade de o item léxico na base ser concreto ou abstrato, pode-se assumir que essa posse, em alguns casos, seja metafórica.

Em termos esquemáticos, pode-se representar o padrão latino $X_S-\bar{u}tus$ da seguinte maneira:

$$\langle [[X_{Si}] -\bar{u}tus]_{Aj} \leftrightarrow [\text{que possui SEM}_{Si}]_{Aj} \rangle$$

Em relação à forma *cinctūtus*, que tem como base o substantivo *cinctus*, há um significado de semelhança ou alusão “em forma de cinto”. Quanto à forma *artūtus*, que tem como base um adjetivo,

³ Inicialmente, este trabalho pretendia abordar os sufixos $-\bar{u}tus$, $-\bar{o}sus$ e $-(l)\bar{e}ntus$. No levantamento feito no dicionário, foram encontradas 265 formas em $-\bar{o}sus$, 26 em $-(l)\bar{e}ntus$ e 4 formas em $-\bar{u}tus$. É com base nisso que se sugere que o sufixo $-\bar{o}sus$ era bastante produtivo na língua latina. Espera-se que trabalhos futuros deem conta do funcionamento dos outros sufixos.

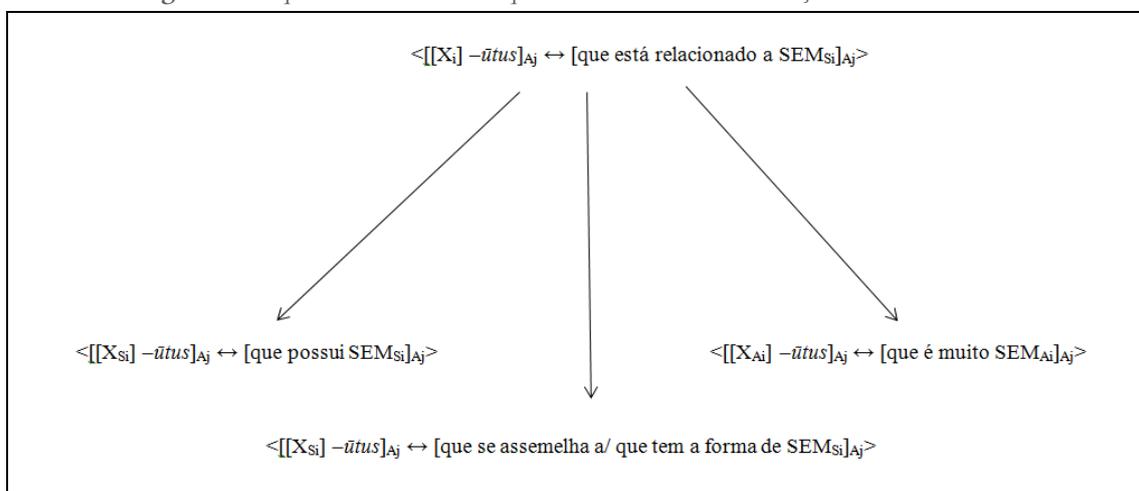
⁴ Isso é diferente do que acontece com outros sufixos nas línguas neolatinas. Villalva (2003), ao abordar o sufixo $-oso$ na língua portuguesa, menciona a existência de um variante/alomorfe $-uoso$, visto em formas como *suntuoso*, *virtuoso*, *tortuoso*. Da mesma forma, Wandruzka (2004), ao analisar o sufixo $-ario$ no italiano, sugere a existência do alomorfe/variante $-uario$, para dar contas de formas como *attuario* e *censuario*. Nos dois casos mencionados, a percepção das formas variantes dos afixos decorre de uma análise estritamente sincrônica, que não considera fatos da diacronia. Os exemplos mencionados são palavras herdadas do latim, e o $-u$ é a vogal temática preservada da palavras base, todas da quarta declinação latina. Se o elemento diacrônico for inserido na análise morfológica, não há necessidade de propor essas variantes dos sufixos $-oso$ ou $-ario$. No que toca ao sufixo $-udo$, parece ter havido já no latim $-\bar{u}tus$, a compreensão de que esse é o sufixo, e não $-tus$. No português, parece incontestável a compreensão de que o $-udo$ já é visto como o sufixo autônomo, e não o $-do$, com um elemento de ligação.

nota-se que há um significado mais intensificador. Esses dois exemplos podem ser representados esquematicamente como a seguir:

$$\begin{aligned} <[[X_{Si}] -\bar{u}tus]_{Aj} \leftrightarrow [\text{que se assemelha a/ que tem a forma de SEM}_{Si}]_{Aj}> \\ <[[X_{Ai}] -\bar{u}tus]_{Aj} \leftrightarrow [\text{que é muito SEM}_{Ai}]_{Aj}> \end{aligned}$$

Os funcionamentos/significados detectados, embora diferentes, podem ser entendidos como subespecificações de um mesmo esquema dominante. Na Figura 2, propõe-se essa leitura.

Figura 2 - Esquema dominante e esquemas dominantes de formações X- $\bar{u}tus$ no latim.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Na Figura 2, o esquema dominante não faz especificação da categoria da base, somente do produto. Essa informação só será especificada nos subesquemas, onde também são feitos os detalhamentos semânticos.

4. Análise II: as formas em *-udo* no português arcaico

Os dados utilizados para a análise do sufixo *-udo* no português arcaico (PA) são oriundos do trabalho de Coelho (2005), que trata da sufixação nominal neste período da língua portuguesa. Vale salientar que, durante essa fase, participios de verbos da segunda e terceira conjugação eram

recorrentemente feitos com *-udo* (MATTOS E SILVA, 2006)⁵. Essas formas participiais, assim como no latim, foram desconsideradas.

Em relação aos dados do PA, Coelho (2005) encontrou, na primeira fase (séculos XIII e XIV), seis constructos. São eles: *barvudo* (A206⁶: barbudo, com barba), *beyçudo* (A222: de beicho grande), *cabelludo* (A257: cabeludo), *cornudo* (A450; A451: que tem chifres), *sanhudo~sannudo~sannuhudo* (A1455; A1456; A1457; A1459; A1460: cheio de sanha, zangado, irado) e *sesudo* (A1488: sisudo).

Na segunda fase (séculos XV e XVI), a autora encontrou três constructos: *sanhudo* (B1138; B1139: cheio de sanha, zangado, irado), *sesuda~sesudo* (B1140; B1141: sério, prudente, sensato) e *sofrudo* (B1142: sofrido, aflito, afligido). Desses três, *sofrudo* deve ser descartado nesta nova análise, pois se trata de uma forma participial do verbo *sofrer*. As formas *sanhudo* e *sesudo*, por outro lado, já apareceram na primeira fase. Dessa forma, são analisáveis as seis formas encontradas nos séculos XIII e XIV.

Em relação às formas analisáveis, do ponto de vista semântico, todos os derivados em *-udo* envolvem a informação de posse intensiva, que pode ser tanto de uma característica física, como em *barvudo*, *beyçudo*, *cabelludo* e *cornudo*, quanto de uma característica psicológica ou atitudinal, como em *sanhudo* e *sesudo*. Do ponto de vista formal, as bases *barba*, *beicho*, *cabelo*, *cornu*, *sanha* e *siso* são substantivos, o que permitir restringir a base desse esquema no português arcaico.

Do ponto de vista da lexicogênese histórica, cabe mencionar que apenas *cornudo* tem origem no latim. A forma original é *cornūtus*, analisada na seção anterior. A forma transmitida ao português mantém o mesmo significado da língua latina. Todas as outras formas portuguesas são formações vernaculares.

O fato de não se ter visto, no PA, construções com um padrão semântico como o do latim *artūtus* permite sugerir que esse subesquema não ganhou produtividade no português. Isso não quer dizer que a ideia de intensidade passou despercebida na língua portuguesa. Ao contrário, a posse que, no latim *-ūtus*, não parecia ser intensificada ou ressaltada passa a se caracterizar dessa forma no português *-udo*. Assim, *beyçudo* é ‘que tem beicho **grande**’, *cabelludo* é ‘que tem **muito** cabelo ou cabelo **grande**’, *sanhudo* é ‘que tem **muita** sanha, ira’, *sesudo* é ‘que está **cheio** de sisu, sensatez’. São possíveis duas representações esquemáticas do funcionamento do *-udo* no PA:

⁵ São exemplos citados por Coelho (2005) e Mattos e Silva (2006): *perdudo* (perdido), *sofrudo* (sofrido), *conhoçudo* (conhecido) e *creçudo* (crescido).

⁶ Esta sequência alfanumérica é um código de referência do corpus de Soledade (2005). Os dados da primeira fase do PA começam com ‘A’, e os da segunda começam com ‘B’. Cada realização constitui uma entrada diferente no corpus. Por isso, uma mesma palavra pode ter vários códigos.

$$\begin{aligned} <[[X_{Si}] -udo]_{Aj} \leftrightarrow [\text{que possui muito SEM}_{Si}]_{Aj} > \\ &\text{ou} \\ <[[X_{Si}] -udo]_{Aj} \leftrightarrow [\text{que tem SEM}_{Si} \text{ grande}]_{Aj} > \end{aligned}$$

A identificação desses possíveis padrões esquemáticos no português *X-udo* parece se relacionar com questões levantadas por Soledade (2019) acerca dos fenômenos de herança e de mudança que atravessam os estudos de morfologia em perspectiva histórica. Ao observar a convivência de formas inovadoras e conservadoras, a autora defende a primazia da história, como se vê no excerto a seguir:

Quando analisamos uma língua em dado momento histórico, o número de criações inovadoras (quanto à morfologia, geradas por processos morfológicos de construção) será sempre inferior ao de formas herdadas, por sua vez, quanto maior for o número de formas herdadas com determinado formativo, mais forte será o modelo capaz de gerar esquemas que permitam criar novas instanciações (SOLEDADE, 2019, p. 268).

Quando se pensa na história do sufixo *-udo*, pode-se sugerir que, mesmo com tão pouca frequência, seja no latim, seja no PA, o fato de um padrão subesquemático latino se sobressair em termos de frequência faz com que ele se sobressaia nos esquemas de línguas neolatinas em seus períodos iniciais. No latim *X-ūtus*, foi o padrão de *posse* que se sobressaiu, no PA *X-udo*, também. Esse mesmo comportamento também foi percebido por Simões Neto (2016), quando comparou o latino *X-ārīus* com o *X-eiro* do PA. Nos dois casos, o padrão subesquemático de profissões foi o que se sobressaiu, o que faz com que não se possa ignorar a primazia da história nos usos dos esquemas morfológicos. Somente uma análise que se estenda a períodos posteriores do português permitirá que se veja o desenvolvimento completo do sufixo na língua.

5. Análise III: as formas em *-udo* ao longo da história da língua portuguesa

Para a observação do uso do sufixo *-udo* na história da língua portuguesa, foram considerados os verbetes do Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa (DHELP), de Houaiss e Villar (2009). No software do referido dicionário, foi feita uma busca de palavras terminadas em *-udo*, *-uda*, *-údo* e *-úda*. A busca resultou, respectivamente, em 292 verbetes em *-udo*, 52 em *-uda*, 19 em *-údo* e 16 em *-úda*.

Nem todas essas formas encontradas pelo *software* interessam a este trabalho. Seguindo procedimentos similares aos vistos em Coelho (2005), Lopes (2013), Grupo de Morfologia Histórica

do Português (2013) e Simões Neto (2016), **foram consideradas para a análise:** (a) formas adjetivais cujas derivações tenham acontecido no português, com o sufixo *-udo*; (b) formas de origem latina, com o sufixo adjetival *-ūtus*; (c) formas de origem neolatina, com o sufixo correspondente, sempre com função adjetival. **Foram descartadas:** (d) formas prefixadas, como *dessisudo*, que se forma pela prefixação do adjetivo *sisudo*; (e) formas que terminam em *-udo*, por coincidência fônica, como *desnudo*, *agudo*, *contudo*, *entrudo*; (f) formas em *-udo* com origem obscura ou controversa, como *lanfranhudo*, *chorudo*, *sambudo*; (g) formas compostas, como *acará-cascudo* e *araçá-felpudo*, pois as formas em *-udo* já entraram dessa maneira na composição, não tendo havido processos derivacionais envolvidos.

Após esse tratamento, foram consideradas 180 palavras para a análise. Embora o DHELP forneça, por vezes informações sobre etimologia e datação, nem sempre as palavras possuem/trazem esses dados. Das 180 palavras encontradas, 77 não trazem a datação. Isso não as torna não analisáveis, mas são desconsideradas nos momentos em que a análise enveredar para o aspecto evolutivo-histórico.

As 180 formas foram classificadas com base em três domínios semânticos, norteadores da organização esquemática dos derivados em *-udo* no português. Os domínios são de POSSE, SEMELHANÇA e INTENSIFICAÇÃO. O Quadro 3 apresenta esses domínios, com base nas paráfrases mais recorrentes nas definições dicionarísticas e nos exemplos.

Quadro 3 - Domínios semânticos dos derivados em *-udo* no português.

Domínios semânticos		Paráfrases recorrentes	Exemplos
POSSE	POSSE COMUM	que tem X; que sofre de X (portador de doença ou anomalia); que tem propensão a X.	<i>amorudo</i> , <i>barbaçudo</i> , <i>caborjudo</i> , <i>capeludo</i> , <i>chavelhudo</i> , <i>cornudo</i> , <i>cuerudo</i> , <i>fachudo</i> , <i>grenhudo</i> , <i>olheirudo</i> , <i>refolhudo</i> , <i>tamancudo</i> , <i>telhudo</i> , <i>trombudo</i> , <i>unheirudo</i> etc.
	POSSE INTENSIVA OU ABUNDANTE	que tem X em abundância; que tem muito X; que tem X grandes.	<i>cabeludo</i> , <i>peludo</i> , <i>pançudo</i> , <i>dentudo</i> , <i>nadegudo</i> , <i>nervudo</i> , <i>olhudo</i> , <i>joelhudo</i> , <i>ancudo</i> , <i>aramudo</i> , <i>arestudo</i> , <i>barbudo</i> , <i>beçudo</i> , <i>bicudo</i> , <i>bi-</i> <i>godudo</i> , <i>bochechudo</i> , <i>classudo</i> , <i>posudo</i> , <i>espadaúdo</i> , <i>farinhudo</i> , <i>picudo</i> , <i>maludo</i> , <i>pezudo</i> , <i>mãozudo</i> etc.

SEMELHANÇA	cuja forma se assemelha a X; que tem a forma de X; que tem o aspecto de X; que age como X; que tem a aparência de X.	<i>abelhudo borrachudo, bugalhudo, cabaçudo, campanudo, carrancudo, cepudo, ganchudo, grossudo, maçudo, massudo, molambudo, morrudo, parrudo, repolludo, sapudo, taludo, varudo etc.</i>
INTENSIFICAÇÃO	que é muito X	<i>gordalhudo, querido, rechonchudo, vaziúdo, versudo.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nas informações do DHELP.

Em termos quantitativos, as 180 derivações *X-udo* vistas no dicionário se distribuíram da maneira exposta na Tabela 1.

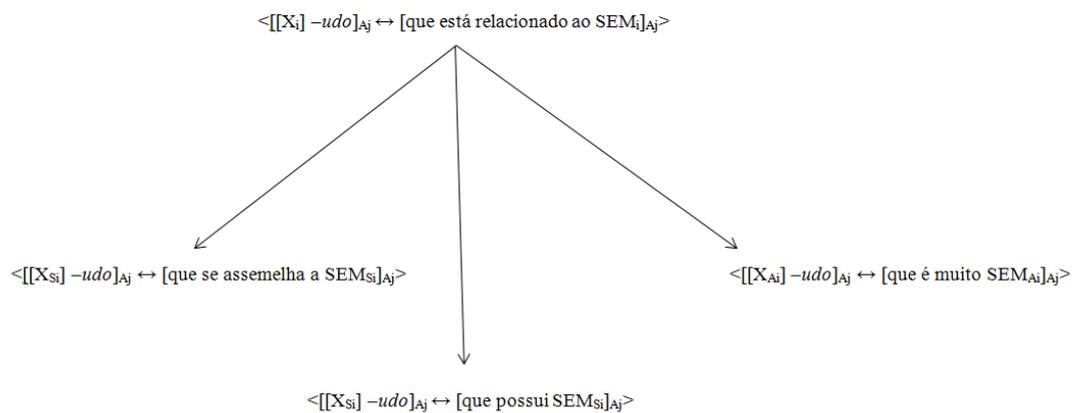
Tabela 1 - Frequência de derivados em *-udo* no português.

Grupo semântico	Quantidade	Porcentagem (%)
Posse	152	84,44
Semelhança	23	12,78
Intensificação	5	2,78

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados apontam uma frequência maior do domínio semântico da POSSE. Esse significado foi: (i) o mais saliente no latim, com quatro dados levantados no dicionário da Porto Editora (2012); (ii) o único visto no PA, com base nos dados de Coelho (2005). O significado se mostra o mais produtivo, quando se observam derivados em *-udo* em sincronias da língua portuguesa. O significado de INTENSIFICAÇÃO foi menos produtivo no latim, com uma realização apenas, não apareceu no PA e segue como o menos produtivo do português.

Por último, o significado de SEMELHANÇA, destacado por Soledade (2019), teve um dado no latim, não apareceu nos dados do PA, mas se mostrou o segundo grupo mais produtivo ao longo da história do português. Levando em consideração os dados do DHELP, a rede esquemática de *X-udo* apresenta três esquemas dominantes, aproximando-se do latim nesse sentido. A Figura 3 traz essa nova representação.

Figura 3 – Esquema geral e esquemas dominantes de formações X- *udo* no português.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Do ponto de vista histórico, algumas informações merecem nota. A primeira é que, das 179 formas, apenas uma, a já mencionada *cornudo*, tem origem latina. Todas as outras foram cunhadas em línguas românicas, sendo 177 na língua portuguesa e uma do espanhol, o caso de *agalhudo*.

Com base nas datações fornecidas por Houaiss e Villar (2009), a forma *barbudo* é a mais antiga a ser atestada em língua portuguesa. O dicionário dá essa palavra como datada do ano de 960, portanto do século X. O mais provável é que tenha se realizado em um texto latino escrito no período em que os romances começavam a se formar.

Depois do século X, são registadas seis formas datadas do século XIII. São elas: *beißudo*, *cabeludo*, *cabeçudo*, *cornudo*, *sanhudo* e *sisudo*. Excetuando-se *cabeçudo*, todas as formas encontradas até aqui correspondem às formas encontradas por Coelho (2005) no PA. Todas essas estão no domínio da POSSE.

No século XIV, são datadas as formas *espadaúdo* e *membrudo*, que também estão no domínio POSSE. No século XV, são introduzidas as palavras *orelhudo*, *capeludo*, *dentudo* e *abelhudo*. Dessas quatro, apenas *abelhudo* não está no domínio da POSSE, e sim da SEMELHANÇA, uma vez que caracteriza uma pessoa intrometida, bisbilhoteira, um comportamento comparado ao de uma *abelha*.

Até aqui, conforme os ensinamentos de Mattos e Silva (2006), os dados estão nos limites do PA. Há uma predominância do significado de POSSE, o que ajuda a dar maior credibilidade ao corpus levantado por Coelho (2005), no sentido de apontá-lo como representativo e significativo.

O século XVI é um século de transição, marcado pelo fim do PA e o começo das reflexões metalinguísticas sobre o período, caracterizando o início do período clássico da língua portuguesa. Nesse século, aparecem 21 formas. São elas: *barbaçudo*, *barrigudo*, *bicudo*, *bochechudo*, *bojudo*, *braçudo*, *carnudo*, *carrancudo*, *dinheirudo*, *felpudo*, *focinhudo*, *guedelhudo*, *lanudo*, *mioludo*, *pentelhudo*, *penudo*, *pestanudo*, *sedeúdo*, *taludo*, *verçudo* e *versudo*. Das palavras introduzidas nesse século, O DHELP apenas

não especificou o ano de *pestanudo*. De resto, todas foram datadas a partir de 1540. Ou seja, posteriores ao PA. Semanticamente, há uma predominância da POSSE, e apenas *carrancudo*, *taludo* e *versudo*⁷ foram classificados diferentemente. Os dois primeiros foram classificados como SEMELHANÇA, e *versudo* como INTENSIFICAÇÃO.

No século XVII, entram 10 formações: *cascudo*, *façudo*, *pernaltudo*, *pesçoçudo*, *galhudo*, *pontudo*, *folhudo*, *letrudo*, *lombudo* e *testudo*. Todos esses foram classificados como POSSE, mas *pontudo* é um caso de uma palavra polissêmica, que tanto pode caracterizar algo ‘que tem muita ponta, pontiagudo’ (POSSE), como ‘indelicado ou ofensivo no trato’, certamente metaforizado pela experiência com objetos pontudos. Nesse sentido, há uma noção de SEMELHANÇA também.

O século XVIII introduz 21 novas palavras: *botocudo*, *campanudo*, *façanhudo*, *joelhudo*, *linguarudo*, *mamudo*, *massudo*, *narigudo*⁸, *nervudo*, *olhudo*, *ossudo*, *papudo*, *patudo*, *peludo*, *polpudo*, *rabudo*, *ramalhudo*, *repolhudo*, *tetudo*, *trombudo* e *tronchudo*. Dessas formas, 18 são caracterizadas como POSSE, e três como SEMELHANÇA. Os casos de SEMELHANÇA são vistos em *campanudo* ‘que tem a forma ou aspecto de campânula ou sino’, *massudo* ‘que tem o aspecto de massa’ e *repolhudo* ‘cuja forma lembra um repolho’.

No século XIX, constataram-se 24 novas formas X-udo: *arestudo*, *batatudo*, *bolachudo*, *borrachudo*, *bugalhudo*, *cachudo*, *calçudo*, *fachudo*, *farinhudo*, *mãozudo*, *nadegudo*, *pançudo*, *parrudo*, *peitudo*, *pernudo*, *querudo*, *reboludo*, *rechonchudo*, *rombudo*, *telhudo*, *tropeçudo*, *varudo* e *ventrudo*. Desses, *querudo* ‘duro no trato, forte, temido’ e *rechonchudo* foram classificados como INTENSIFICAÇÃO. No rol da SEMELHANÇA, estão *batatudo* ‘que tem a forma de batata’, *borrachudo* ‘dilatado como uma borracha’, *bugalhudo* ‘que tem a forma de bugalho’, *parrudo* ‘rasteiro como as parras’ e *varudo* ‘que é reto e comprido’. Foi o século mais produtivo para esse grupo semântico. Excetuando-se esses casos explicitados, as outras palavras estão no domínio da POSSE.

Do ponto de vista das datações, o último século mencionado pelo DHELP foi o XX. Os 12 exemplos vistos foram: *agalhudo*, *aspudo*, *baludo*, *bolhudo*, *buchudo*, *cabaçudo*, *cachaçudo*, *carapinhudo*, *chifruído*, *forçudo*, *maçudo* e *troncudo*. Desses, *cabaçudo* ‘que é inocente e inexperiente, como uma mulher virgem’ e *maçudo* ‘que se assemelha a uma maçã’ estão no âmbito da SEMELHANÇA. As demais são classificadas como POSSE.

Ainda que se deva ter cautela ao assumir categoricamente as datações propostas por Houaiss e Villar (2009), fazer a análise dos dados conforme o andamento dos séculos é um exercício interessante

⁷ O significado dado pelo DHELP é ‘muito acamado’.

⁸ Na avaliação deste artigo, um dos pareceristas sugeriu que “A forma “narigudo” em vez de ‘narizudo’ pode indicar que essa forma, embora apenas registrada no século XVII, remonte a um latim vulgar “*naricutus”, de ‘narix, icis’, assim como ‘narigão” (Palavras do parecerista). Essa é uma informação que merece mais investigações.

para se constatar como esquemas mais produtivos tendem a se manter historicamente. No caso do sufixo *-udo*, o significado de POSSE nunca perdeu o posto de mais recorrente.

A visão mais global das palavras construídas com esse sufixo permite também destacar a sua função pejorativa, vista em formações como *carrancudo*, *abelhudo*, *barrigudo*, *maludo*, *cabaçudo*. Quando não são pejorativas, essas construções podem ser etiquetadas como coloquiais, de um ponto de vista sociolinguístico, uma vez que não costumam figurar em ambientes que demandam um uso formal da linguagem.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma reflexão acerca do funcionamento do sufixo português *-udo*, desde a sua origem latina até o português contemporâneo, com destaque para os seus usos no período arcaico da língua portuguesa. Pôde perceber-se com o estudo que o significado de POSSE, recorrente nas construções do português, já era visto na língua latina e consagrando-se no PA, quando já se notava a inventividade de formas portuguesas.

Com o passar dos séculos, muitas formas em *-udo* foram sendo introduzidas no léxico da língua portuguesa. Essa produtividade permitiu identificar um comportamento distinto do que se via na língua latina. Ressalta-se também que, na história do português, o significado de SEMELHANÇA se tornou mais produtivo.

Um entendimento mais global do funcionamento do *-udo* do latim ao português será alcançado quando se analisarem os comportamentos de formativos concorrentes, como *-oso* e *-ento*. A comparação com esses outros formativos permitirá entender que sufixo exercia produtivamente as funções caracterizadoras do *-udo* e em que momento o *-udo* ganha destaque no seu funcionamento/especialidade. Espera-se que trabalhos futuros deem conta desse aspecto.

Referências bibliográficas

- BOOIJ, G. E. **Construction Morphology**. Oxford, NY: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (Ed.). **Defaults in morphological theory**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- COELHO, J. S. B. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X – EIR]_N] no português arcaico. **Diadorim** – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-111, 2013.
- COELHO, J. S. B. **Semântica morfolexical**: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico. 2005. 575 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras de Vernáculos, em Letras, Universidade Federal da Bahia, 2005. 2 tomos.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia Construcional**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa**. São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014.
- GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS. Em busca de um método de investigação para os fenômenos diacrônicos. In: VIARO, M. E. (Org.). **Morfologia Histórica**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 11-30.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.
- LOPES, M. dos S. **A prefixação na primeira fase do português arcaico**: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV. 2013. 943f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras Vernáculos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 2 tomos.
- LOPES, M. dos S. **Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI)**: aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos. 2018. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) – Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra.
- MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Clássica, 1969.

- PORTO EDITORA. **Dicionário Latim-Português**. 4 ed. Porto: Porto Editora, 2012.
- RIO-TORTO, G. Formação de adjetivos. In: RIO-TORTO, G. et al. **Gramática derivacional do Português**. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 241-296.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SIMÕES NETO, N. A. **Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-**: da origem latina ao português arcaico. 2016. 655 f. p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2. tomos.
- SIMÕES NETO, N. A. Uma aplicação da Morfologia Construcional para a língua latina: o caso das construções X-ariu. **Linguística y Literatura**, v. 1, n. 72, p. 30-53, jul. 2017a.
- SIMÕES NETO, N. A. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, 2017b.
- SIMÕES NETO, N. A. Os esquemas X-ari- em perspectiva histórica e construcionista: do latim clássico ao medieval. **Estudos linguísticos e literários**, v. 61, p. 49-69, 2018.
- SOLEDADE, J. A morfologia histórica e a morfologia construcional: encontros e desencontros. In: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. **Dez leituras sobre o léxico**. Salvador: EDUNEB, 2019. p. 255-301.
- SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, E. S. (Orgs.). **Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar** Salvador: Edufba, 2018. p. 345-378.
- TAVARES DA SILVA, J. C.. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiiano em terras brasílicas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netli**, v. 8., n. 2., p. 109-135, 2019.
- TAVARES DA SILVA, J. C. **Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário**. 2017. 226 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- WHITE, J. T. **Latin Suffixes**. London: Longmans, Green & Co, 1858.